



Espadas contra armaduras: uma análise a partir das iluminuras das Crônicas de Froissart

Vinicius de Souza e Cruz¹

Resumo: O presente artigo: “Espadas Contra Armaduras: Uma Análise a partir das Iluminuras das Crônicas de Froissart”, tem como objetivo analisar o uso de espadas quanto a capacidade de penetração/perfuração de armaduras de placas, a partir das representações observáveis das iluminuras de Loyset Liédet sobre as Crônicas de Froissart. Para isso serão utilizados quatro passos que levam a uma conclusão sobre o assunto: a qualidade das diferentes armaduras; custo e registro das fabricações das armaduras; qualidade e formato das espadas; a veracidade descritiva visual das iluminuras medievais, acima de tudo, das de Loyset. Será usada a pesquisa bibliográfica, que consiste na coleta de dados a partir de artigos, livros e revistas que constarão nas citações e referências.

Abstract: The present article: “Sword Against Armor: A Analysis from the Miniatures about the Chronicles of Froissart”, has the objective to analyze the use of swords for the capacity of penetration/drilling of plate armor, from the observable representations of the miniatures of Loyset Liédet about the Chronicles of Froissart. For that, will be use four steps that lead a conclusion of the subject: the quality of the differents plate armor; cost and record of the manufacturing of armor; quality and shape of the swords; the visual veracity described of the medieval miniatures, above all, of the Loyset. Will be used a bibliographic research, that consists in the data collect of articles, books and magazines which will appear in the quotes and references.

Palavras-chave: Espadas; Armaduras; Iluminuras.

Keywords: Swords; Armor; Miniatures

¹ Graduando em licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e graduando em bacharel em Direito pela Universidade Arnaldo Janssen.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7681-2887>

E-mail: viniciussouzabjj@gmail.com





1. A qualidade das armaduras

No âmbito do processo de fabricação, construção e habilidade dos ferreiros especializados na criação de armaduras de placa, deparamos com uma escassez de fontes primárias que poderiam nos permitir uma análise assertiva acerca da eficácia e qualidade dos diversos tipos de armaduras (ROCCA, 2017). Dessa forma, a investigação desses aspectos essenciais torna-se um desafio, ressaltando a necessidade de abordagens cuidadosas e multidisciplinares para preencher as lacunas existentes.

Diante desse cenário, é imperativo iniciar o estudo das armaduras medievais com algumas questões fundamentais: 1. Quando ocorreu o processo de confecção? 2. Onde foi realizado? Essas indagações, estabelecem uma base crucial para compreendermos o contexto histórico, as influências regionais e as possíveis variações nas práticas de fabricação ao longo do tempo e em diferentes locais. Assim, ao abordarmos as perguntas mencionadas, podemos lançar luz sobre aspectos cruciais do desenvolvimento das armaduras de placa, permitindo uma análise mais abrangente e informada sobre as técnicas, estilos e nuances que caracterizam esse importante componente da história militar medieval.

Segundo Rocca (2017), a produção de armaduras na Inglaterra, Espanha, Portugal e França nos séculos XIV e XV eram provavelmente inexistentes por carecerem de ferrarias competentes. Ele afirma isto devido à escassez de evidências primárias e de peças resgatadas. A ausência de registros tangíveis nesses países sugere que a expertise necessária para forjar tais equipamentos estava ausente nesses locais durante esse período. Nesse contexto, observa-se que, reis e nobres de toda a Europa Ocidental encomendavam armaduras mais refinadas provenientes da Itália e da Alemanha. Isso ressalta a reputação e habilidade reconhecidas dessas regiões na produção de armaduras de alta qualidade, tornando-as centros de excelência que supriam a demanda por peças mais sofisticadas.

“Milão era líder internacional de venda de armaduras desde o início do século XIII até o século XVI. Não apenas armaduras, mas armas também eram exportadas (...)” (ROCCA, 2017, p. 28, tradução nossa).

“Na Alemanha, a cidade imperial de Nuremberga e Augsburgo rivalizaram e eventualmente superaram Milão no mercado internacional durante o século XVI.” (ROCCA, 2017, p. 29, tradução nossa).

Com o objetivo de facilitar o estudo, será realizado um recorte temporal e geográfico centrado na análise de armaduras e espadas utilizadas pela França e Inglaterra durante a Guerra dos Cem Anos. Este período, que marcou o apogeu das táticas militares,





da qualidade bélica, do emprego da cavalaria e da documentação por meio de obras primárias, oferece um cenário rico para a compreensão das práticas militares da época. Além da significativa importância bélica, a Guerra dos Cem Anos também se destaca por ser um período documentado de maneira detalhada nas Crônicas de Jean Froissart. Estas crônicas proporcionam narrativas minuciosas das batalhas, contribuindo com uma compreensão aprofundada do contexto histórico e das estratégias e métodos de combate empregados durante esse conflito. Vale ressaltar que, além das crônicas, muitas peças de armaduras e espadas conseguiram sobreviver aos rigores desses confrontos históricos.

É importante lembrar que não era apenas uma armadura que protegia o cavaleiro. Por cima da roupa era colocado uma cota de malha que cobria do ombro até o joelho. O peso dela não ultrapassava doze quilos, que eram distribuídos nos ombros dos cavaleiros. Tão grande se demonstrava a eficiência apenas da cota de malha que protegia contra cortes e estocadas de baixa intensidade. Todavia, quase que completamente ineficientes contra estocadas de lanças, espadas e mísseis disparados por arcos longos e bestas. Para que a flexibilidade e qualidade da cota fosse duradoura, era necessário lubrificar os anéis de metal periodicamente (FLORI, 2005). Por cima da cota de malha vinha finalmente as placas de metal. O metal era enlaçado pelo peito e o ombro, cobria totalmente o corpo. O peso por sua vez, é compensado pela sua melhor divisão pelo corpo, não somente nos ombros. Finalmente, como uma última camada protetiva (e também identificatória) um casaco colorido era colocado por cima do metal.

Diferentes tipos de elmos podiam ser encontrados junto das armaduras de placas, os dois mais usados pela cavalaria eram o elmo cilíndrico fechado, com buracos apenas para os olhos e ventilação e, para os mais ricos, o elmo sendo um capacete com viseira. Na infantaria o mais comum era o icônico elmo nasal. Os ombros são protegidos por ombreiras arredondadas, as manoplas são inteiramente metálicas. A parte superior das coxas e a pélvis são protegidas por um desenho semelhante a uma saia chamado *tuille*, feito de placas segmentadas, que protegiam esta parte do corpo e ainda permitiam às pernas uma impressionante amplitude de movimento (GILL, 2016). Ao contrário da crença popular, armaduras de placas não eram extremamente restritas, nem excessivamente pesadas, pesando em média até vinte quilos. O desenvolvimento e melhorias da metalurgia da placa fez com que no final do período medieval, fosse dispensável o uso dos escudos para cavaleiros desmontados, o que os permitiam usar espadas de duas mãos (DOUGHERTY, 2008).





Imagem 1 - Batalha de Chiset (1470-1475)



Loyset Liédet (1420-1479), disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impresoes-artisticas-sofisticadas/Loyset-Liedet/1190570/A-Batalha-de-Chiset-em-21-de-mar%C3%A7o-de-1373%2C-ca-1470-1475..html>. Acesso em: 05, abr. 2024. As Crônicas de Jean Froissart possuem um valor como fonte primária de extrema importância. Embora Froissart não tenha sido um historiador, mas sim um cronista, ele não hesitava em descrever com grande detalhamento os combates. Da mesma forma, as iluminuras que retratam essas batalhas são ricas em minúcias. É possível observar cavaleiros a pé desferindo golpes fatais em homens caídos, especialmente em áreas desprotegidas pelo metal, como o pescoço. Além disso, no centro da iluminura, é evidente uma tentativa de estocada de uma lança nas costas do inimigo, que não hesita em deferir o golpe, mesmo com seu inimigo estando protegido por uma armadura de placas.

Mas possuir uma armadura de placas completa não queria dizer que a pessoa estaria imune a morrer em combate, como é possível de se analisar na iluminura supracitada. Até mesmo as armaduras completas tinham brechas para cortes e estocadas atrás do joelho, em baixo das axilas, na virilha e no pescoço, e é importante ressaltar que, cavaleiros e soldados tinham treinamento para acertar essas regiões de maneira precisa. E quanto à parte protegida pelo metal, armaduras mais baratas e de menor qualidade podiam receber estocadas de lanças e espadas longas. A barriga, as costas e as pernas eram locais com uma concentração menor de carbono por aço, o que a deixava menos rígida e mais propícia a perfuração (CLEMENTS, 2011). Froissart (2000) relata, em pelo menos duas ocasiões, o impacto das espadas em perfurar armaduras durante duelos, focalizando em particular a região da coxa. No entanto, ele também menciona incidentes em que estocadas eram refletidas pelas defesas, resultando em combates que frequentemente prosseguiram no solo, muitas vezes com o uso de adagas em áreas desprotegidas, notadamente no pescoço. É importante ressaltar, que a qualidade de uma





armadura de placas estava diretamente relacionada com o seu preço e a reputação de seu fabricante.

Imagem 2 - Armadura de placas



| 156

Museu Metropolitano de Arte, disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/23205>, acesso em: 05 jan. 2024.

2. A fabricação das armaduras de placa

Quando refletimos sobre a Idade Média, a imagem que frequentemente nos vem à mente é a de um cavaleiro elegantemente vestido com uma reluzente armadura de placas. Essa lendária indumentária tornou-se inseparável da figura do cavaleiro, inspirando inúmeras narrativas ao longo dos séculos. No entanto, é crucial compreender que essa imponente armadura não era amplamente utilizada durante a maior parte da época em que os cavaleiros exerciam sua dominância nos campos de batalha.

Sabendo que a fabricação era heterogênea, não seria diferente o custo das peças dessas armaduras. Quanto mais baratas, menos bonitas e resistentes elas seriam. Mesmo





assim, é fácil afirmar que apenas uma pequena parte de um exército teria condições de comprar até mesmo as piores placas de metal. Desde o século VIII, segundo a lei ripuária, um cavalo valia seis vezes mais do que um boi; uma *broigne*, vale o mesmo preço; um elmo, metade daquele valor (BLOCH, 2022). Séculos mais tarde, o militarismo estava muito mais restrito por ofício, não existiam mais guerreiros domésticos. Agora a guerra estava restrita a exércitos profissionais, o que tornava a aristocracia guerreira muito superior quando comparada aos séculos anteriores.

Há uma concepção que pode surgir ao observarmos as armaduras em exibição em instituições renomadas, como o Museu Metropolitano de Arte. Essas peças frequentemente representam exemplares de equipamento de alta qualidade, contrastando com as armas e armaduras mais simples utilizadas pelo homem comum e pela baixa nobreza, as quais muitas vezes foram relegadas a depósitos ou perdidas ao longo do tempo. É verdade que, a menos que fosse saqueada num campo de batalha ou vencida num torneio, a aquisição de armadura teria sido um assunto dispendioso. No entanto, como certamente existem diferenças na qualidade da armadura, também teria havido diferenças no preço. Armaduras de baixa a média qualidade, acessíveis a burgueses, mercenários e à baixa nobreza, podiam ser compradas prontas em mercados, feiras comerciais e lojas urbanas. Por outro lado, havia também os produtos de alta qualidade, feitos sob medida, das oficinas da corte imperial ou real, e de famosos armeiros alemães e italianos. As armaduras feitas por alguns desses mestres célebres representavam a arte mais elevada do ofício do armeiro e podiam custar tanto quanto o resgate de um rei (BREIDING, 2004). O preço de uma cota de malha, por exemplo, variava de dois a três cavalos de guerra, que comprova seu uso por apenas uma elite. O custo de uma armadura completa no século XII era estimado em trinta bois, e com o passar do tempo tornou-se ainda mais cara. Deste modo, em um campo de batalha, era possível de se ter diferentes tipos de armaduras, de diferentes qualidades e visuais.

No que diz respeito ao tempo de fabricação de uma armadura completa, é impossível fornecer uma resposta definitiva, uma vez que praticamente nenhuma evidência que ofereceria uma visão completa sobreviveu ao tempo. É importante observar que uma armadura completa pode ser composta de elementos produzidos por vários armeiros especializados, e as peças podem, muitas vezes, ser mantidas em estoque em estado semi-acabado, aguardando a uma futura encomenda específica (BREIDING, 2004).

É relevante destacar que a qualidade de uma armadura não era determinada unicamente pelo seu custo, mas também pela habilidade de quem a produziu. A autoria





de muitos ferreiros armeiros e centros de produção pode ser reconhecida por meio de algumas peças sobreviventes recuperadas de campos de batalha, nas quais se podem identificar marcas do fabricante e inscrições da cidade de origem. No entanto, é lamentável que, apesar dos indícios documentais que apontam para a existência de diversos centros de fabricação de armaduras, nenhum exemplar tenha sobrevivido ao tempo para uma identificação precisa. (ROCCA, 2017).

Não surpreende que a produção de tais magníficas armaduras demandassem habilidades e recursos extraordinários. Ao longo da história, a ida à batalha sem qualquer forma de proteção era uma exceção, dada a natureza caótica desse ambiente, onde a presença de tal equipamento muitas vezes representava a linha tênue entre a vida e a morte para um soldado. Além disso, era comum a necessidade de substituir partes das armaduras, envolvendo a mistura de fabricantes e materiais. Antes do século XIV, mais especificamente antes da Guerra dos Cem Anos, um cavaleiro frequentemente enfrentava apenas uma batalha ao longo de sua vida, permitindo que sua armadura fosse transmitida de geração em geração, uma vez que o único desafio significativo era o combate contra a corrosão.

John Clements (2011) completa dizendo que não havia padronização da qualidade do metal, tamanho, área coberta, espessura das armaduras etc. Num campo de batalha você poderia encontrar armaduras mais fortes e mais grossas junto com mais as fracas e mais finas, que faria conseqüentemente, que estas resistissem a menos ataques. Portanto, conclui-se que havia uma diversidade notável de tipos de armaduras, abrangendo aspectos visuais e custos. Isso possibilitava que até mesmo a baixa nobreza e homens de armas conseguissem adquirir peças de armadura de qualidade inferior. No entanto, o principal fator que determinava a resistência de uma armadura era o tipo de ataque que ela enfrentava, como no caso deste estudo, em que se considerou a estocada de uma espada. De modo semelhante às armaduras, a qualidade era o fator crucial que determinava o desempenho de uma espada.





Imagem 3 - A batalha antes do castelo de Roussillon - 1463



Loyset Liédet (1420-1479), disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Loyset-Liedet/877070/A-batalha-antes-do-castelo-de-Roussillon.html>. Acesso em: 05, abr. 2024. Nesta iluminura, destaca-se a marcante diversidade nas armaduras de placas, tanto em termos de visual quanto de composição. É possível notar a presença de cavaleiros que utilizam peças provenientes de distintos tipos de armaduras, formando, assim, uma proteção abrangente e multifacetada. Algo ainda mais intrigante é a observação da ampla variedade de armaduras e elmos presentes em um mesmo exército aliado.

Contrariamente ao que se poderia supor, não era prática comum que cavaleiros e homens de armas trocassem suas armaduras meramente por questões de moda ou esteticismo temporal. Além dos mais variáveis preços absurdos, a confecção de uma peça de armadura demandava, em média, quatro anos, sem contar os meses, e por vezes anos, necessários para o transporte até o local de encomenda. Por exemplo, os ingleses solicitavam peças de armaduras e espadas de centros especializados em Milão, Passau, Augsburgo, Cologne ou Bordeaux (OAKESHOTT, 1998).

3. A qualidade e o formato das espadas

Sabe-se que as armaduras evoluíram ao longo do período medieval, e é claro que também foi assim com as espadas, cabe analisar, de início, as espadas referentes após as invasões dos vikings, e posteriormente a adesão morfológica das lâminas a partir do século XIII.

A começar pela imagem resplandecente do cavaleiro medieval, simbolizada pela sua espada. Uma evidência deste fato era a imagem estereotipada da investidura, na qual qualquer cavaleiro poderia nomear outra pessoa um cavaleiro, desde que fosse digno.





Em pé ou muitas vezes ajoelhado, o postulante batia a espada sobre a cabeça e os ombros e, com esse gesto, confer-lhe-ia a cavalaria (CRUZ, 2023).

Em toda a Europa medieval, as espadas eram a principal arma dos cavaleiros, dos homens de armas a cavalo e infantas. Em tempos de paz, porém, de modo geral, apenas os nobres podiam portar uma espada em público. Como na maioria das regiões as espadas eram consideradas “armas de guerra”, os camponeses e burgueses, não pertencentes à classe guerreira da sociedade medieval, eram proibidos de portar espadas. Uma exceção a esta regra era concedida aos viajantes (cidadãos, comerciantes e até peregrinos) devido aos perigos inerentes às viagens terrestres e marítimas. Dentro das muralhas da maioria das cidades medievais, entretanto, o porte de espadas era geralmente proibido para todos (BREIDING, 2004).

Assim como as armaduras, não existiam um padrão de qualidade específico para as espadas, isto porque cada reino, condado, burgo e comuna tinham seu próprio armeiro e modo de produzir espadas. Portanto, o único fator importante que iria determinar a vantagem de uma espada contra armadura, em um campo de batalha e/ou duelos, e vice-versa era a qualidade de fabricação. Mas em favor das espadas, entre os séculos XIV e XV, elas sofreram uma verdadeira revolução morfológica. O seu formato não mais era apenas descrito como lâminas de dois gumes. Agora as espadas podiam ser feitas em forma de triângulo ou diamante, o que as permitiam ter resultados significativamente positivos quanto a capacidade de perfuração, inclusive e o mais importante para este estudo, de perfurar armaduras de placas. Este novo formato também permitia que a força fosse canalizada. E finalmente, a ponta da espada sofreu um processo de afunilamento, a deixando mais proeminente, o que descrevia visualmente o seu propósito de ataque.

Um intrigante detalhe morfológico se destaca próximo à ponta desta lâmina. Ao longo de seu centro, notamos uma elevação denominada crista, uma característica frequentemente incorporada em espadas otimizadas para perfuração de armaduras. A crista concentra a força de um golpe ao longo da espinha da lâmina, em vez de dispersá-la por toda a superfície, permitindo que a energia seja direcionada ao longo do comprimento total da espada. Essa particularidade desempenha um papel crucial ao aumentar a rigidez da ponta da lâmina, reduzindo assim a probabilidade de flexão durante um impulso crítico, sem comprometer sua durabilidade e resistência. Essa rigidez revela-se essencial, pois as estocadas emergiram como o método principal para penetrar armaduras com uma espada. A espessura e formato arredondado das placas de armadura apresentavam resistência considerável a golpes cortantes, tornando imperativa a necessidade de uma lâmina robusta e resistente (GILL, 2016).





Imagem 4 - Espada do século XIV



Museu Metropolitano de Arte, disponível em: <http://www.metmuseum.org/art/collection/search/23367>, acesso em: 05 jan. 2024.

As placas grossas de metal das armaduras serviam principalmente para refletir golpes cortantes diferidos contra espadas. A mudança proposital da morfologia das espadas trouxe uma nova esgrima de batalha. A partir do século XIV, cavaleiros e soldados não tinham mais o foco de treinamento em movimentos circulares que proporcionavam cortes fatais, mas sim movimentos de estocadas que possibilitava furar as placas de metal.

“O que é apoiado tanto pela literatura de esgrima quanto crônicas da ‘era da placa’, era que estocadas era a forma mais utilizada de ataque de espadas contra armaduras” (CLEMENTS, 2011, p. 49, tradução nossa).

Portanto, é evidente que as armaduras apresentavam vulnerabilidades significativas, tais como variações na espessura, falta de uniformidade na produção e custos elevados. Enquanto isso, as espadas evoluíram com o propósito específico de perfurar as resistentes placas de metal das armaduras. Nesse contexto, as iluminuras da era medieval emergem como fontes primárias cruciais, fornecendo evidências concretas da eficácia na penetração do metal das armaduras. Ao estudar as iluminuras, obtemos





revelações valiosas sobre as estratégias de combate em esgrima da época e a busca contínua por métodos eficazes de superar as defesas proporcionadas pelas armaduras.

4. A veracidade das iluminuras medievais

A ampla percepção de que pinturas e iluminuras medievais frequentemente se inclinavam para o exagero e careciam de precisão factual persiste. No entanto, é imperativo reconhecer que todas as formas de arte medieval se constituem como fontes notáveis e fundamentais para a compreensão do contexto da época, mantendo seu valor ao longo do tempo. Essas expressões artísticas são, de fato, as únicas "fotografias" tangíveis que temos desse período específico.

Explorar o passado em busca de eventos históricos nos leva a uma jornada interessante. Aqueles que se dedicam a essa busca são orientados pelos vestígios deixados pelo passado. Tanto para os contemporâneos quanto para os habitantes do século XV, as Crônicas têm um papel fundamental como testemunhas desse cenário intrigante. Ao folhear as páginas do texto de Jean Froissart, somos imersos em batalhas e eventos significativos que ocorreram no início da Guerra dos Cem Anos. Ao examinar o manuscrito, nos deparamos com uma trama de eventos, lugares e nomes destacados durante o conflito entre os reinos da França e da Inglaterra. Conforme passamos as páginas com atenção, nos deparamos com outra forma de vestígio: as iluminuras de Loyset Liédet. A cena detalhada no pergaminho é observada, e a imagem, inicialmente estática, transforma-se em uma representação dinâmica. Nesse envolvimento, a iluminura se revela, transformando o objeto não apenas em uma representação, mas em uma manifestação viva da história.

Clements (2017) destaca a importância de atentar para a qualidade e detalhes da execução dessas obras. Ele sugere que os artistas medievais, ao retratarem construções de armas e armaduras, possuíam um conhecimento de primeira mão sobre esses elementos, indicando uma possível compreensão profunda de sua performance em batalha. Além disso, destaca-se a extraordinária acuidade com que os artistas representavam cenas de combate, incorporando elementos do seu próprio contexto e experiência. Nesse sentido, as pinturas e iluminuras transcendem a mera representação visual, tornando-se artefatos históricos intrínsecos à compreensão da vida na Idade Média. Ao invés de simplesmente refletirem eventos, elas revelam as perspectivas, conhecimentos e até mesmo as emoções dos artistas da época. Essa conexão direta com o passado confere a essas obras um valor





incomensurável, destacando-as como testemunhas vívidas e autênticas de uma era distante, cujo entendimento é enriquecido pela habilidade única dos artistas em capturar a essência de sua própria realidade.

Nas obras de Liédet em questão, além de minuciosamente retratar as armaduras, as iluminuras também dedicam atenção especial às armas em vigor na época medieval. Espadas imponentes, lanças, machados robustos, arcos tensos e bestas são detalhadamente representados, frequentemente empunhados por cavaleiros em meio a ações vibrantes. Essas ilustrações não apenas oferecem uma visão realista das armas utilizadas em combate, mas também proporcionam a capacidade de analisar as estratégias de luta empregadas, permitindo que os observadores mergulhem na dinâmica dos conflitos medievais. Detalhes como o posicionamento das mãos e as técnicas de combate são habilmente capturados, conferindo uma dimensão prática e autêntica às representações.

Um dos aspectos mais notáveis e admiráveis nas iluminuras de Loyset Liédet, inseridas nas páginas das Crônicas de Froissart, é a excepcional fidelidade demonstrada em relação às técnicas de combate da época, consistentes e relatadas como nos Tratados de Esgrima. Datadas do final do século XV, essas representações visuais não apenas registram, mas imortalizam com notável precisão as complexidades das táticas de luta medievais, o manejo das armas e as estratégias adotadas pelos guerreiros da época. Essa fidelidade inestimável às técnicas de combate estabelece as iluminuras como uma fonte de valor incalculável para estudiosos dedicados às artes marciais históricas.

Outro aspecto notável de Liédet é sua habilidade singular em capturar o impacto das armas nas armaduras. Seja através de golpes de espada, investidas de lanças, flechas velozes ou outros projéteis, essas representações meticulosas detalham minuciosamente os efeitos das armas nas defesas dos guerreiros.





Imagem 5 - O Rapto de Ydoire - 1463



Loyset Liédet (1420-1479), disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Loyset-Liedet/877070/A-batalha-antes-do-castelo-de-Roussillon.html>. Acesso em: 05, abr. 2024. Na iluminura em questão, há uma exemplificação precisa da descrição morfológica das espadas do século XV. Além disso, observamos uma representação fiel da heterogeneidade das armaduras de placa, não apenas entre os membros do exército aliado, mas também dentro de uma única armadura, composta por diversas peças provavelmente fabricadas em diferentes épocas. Essa ilustração não apenas destaca as características distintivas das espadas da época, proporcionando uma visão detalhada de sua morfologia, mas também lança luz sobre a diversidade intrínseca das armaduras de placas. A variação não se limita apenas entre diferentes guerreiros, mas permeia as próprias composições individuais de armaduras, sugerindo uma coleta de peças possivelmente produzidas em momentos distintos. Esse nível de detalhamento não apenas contribui para a compreensão estilística e técnica das armas e armaduras medievais, mas também oferece pistas valiosas sobre a evolução ao longo do tempo e as práticas de manufatura da época.

A análise metódica das iluminuras medievais, notadamente aquelas ilustradas por Loyset Liédet nas Crônicas de Froissart, revela um tesouro de informações preciosas sobre a autenticidade dessas representações artísticas. Apesar da percepção generalizada de que tais obras poderiam incorrer em exageros e imprecisões factuais, as iluminuras emergem como testemunhos autênticos e vívidos da vida na Idade Média. A destreza de Liédet ao retratar, com notável fidelidade, às técnicas e estratégias da época, eleva essas criações a uma posição inestimável para estudiosos dedicados ao militarismo medieval.

Ao transcender a mera representação visual, as iluminuras se transformam em artefatos históricos intrínsecos, proporcionando uma visão única das perspectivas, conhecimentos e emoções dos artistas medievais. A ligação direta com o passado confere um valor inestimável a essas obras, enriquecendo nossa compreensão do complexo cenário do combate medieval. Detalhes minuciosos sobre o impacto das armas nas armaduras não apenas documentam as práticas de guerra da época, mas também oferecem informações sobre a resistência e vulnerabilidade das defesas dos guerreiros.

Portanto, as iluminuras de Liédet não apenas desafiam a concepção comum sobre a veracidade das representações artísticas medievais, mas também se destacam





como uma fonte essencial que transcende o tempo. Elas possibilitam uma compreensão profunda da história e das práticas militares da Idade Média, conferindo uma riqueza e autenticidade excepcionais. Essa pesquisa aprofundada sublinha a importância crucial de reconhecer as iluminuras como testemunhas valiosas da história, proporcionando uma visão singular e envolvente de um período remoto.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2022.

BREIDING, Dirk H. Arms and Armor: Common Misconceptions and Frequently Asked Questions. **MetMuseum**, 2004. Disponível em: https://www.metmuseum.org/toah/hd/aams/hd_aams.htm. Acesso em: 08 nov. 2023.

CLEMENTS, John. Swords Against Armor. **Medieval Warfare**, Zutphen, vol 1, n. 3, p.49-52, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48577865?read-now=1&refreqid=excelsior%3A08e0de3053e170e94ee7e64e8baeaa71&seq=1>. Acesso em: 05 Nov. 2023.

CRUZ, Vinicius de Souza e. Considerações sobre a mutação da classe guerreira e a guerra dos cem anos. **Revista Medievalis**, v.12, n.1, p. 43-56, 2023.

DOUGHERTY, Martin. **The Medieval Warrior: weapons, technology, and fighting techniques ad 1000-1500**. 1ª ed. Guilford: Amber Books Ltd, 2008.

FAURE, Élie. **A Arte Medieval**. 1ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 1990.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. 1ª ed. São Paulo: Madras, 2005.

FROSSART, Jean. **Crônicas**. Internet Archive, 2000. Disponível em: <https://archive.org/details/chroniclesfrois00berngoog/mode/2up>. Acesso em: 06 Nov. 2023.

GILL, Jason. Clad In Steel: The Evolution of Plate Armor in Medieval Europe and its Relation to Contemporary Weapons Development. **Clad In Steel**. 2016. 42 f. Tese (Doutorado em História da Arte) - Universidade de Puget Sound, Tacoma, 2016.





Disponível em:
https://soundideas.pugetsound.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1021&context=history_theses. Acesso em: 05 Nov. 2023.

HOURLY, History. **The Hundred Years War: A History from Beginning to End**. 1ª ed. History Hourly, 2019.

JOHN, Simon; MORTON, Nicholas. **Crusading and Warfare in the Middle Ages: Realities and Representations**. Essays in Honour of John France. 1ª ed. Routledge. 2017.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente medieval**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE MOS, Vinicius Saebel. **Um Olhar Pela Janela: Loyset Liédet (1420-1479), O Tempo e a Metáfora dos Corpos nas Imagens Borgonhesas**. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2008.

MITCHELL, Russell. The Longbow-Crossbow Shootout At Crécy (1346): Has The "Rate Of Fire Commonplace" Been Overrated?. *In: The Hundred Years War (Part II)*. Leida: Brill, 2008. p. 233-257.

MUHLBERGER, Steven. The Combat Of The Thirty Against Thirty: An Example Of Medieval Chivalry?. *In: The Hundred Years War (Part II)*. Leida: Brill, 2008. p. 285-294.

OAKESHOTT, Ewart. **The Sword in the Age of Chivalry**. reimpressão fac-similar. Boydell Press. 1998.

PETER, Dr M. English Battles and Campaigns from The Chronicle of Adam of Usk. **Fifteenth-century Warfare**, De Re Militari, 13 abr. 2018.

ROCCA, Donald J. La. **How to Read European Armor**. 1ª ed. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2017.

ROGERS, Clifford J. The Efficacy of the English Longbow: A Reply to Kelly DeVries. **War in History**. Thousand Oaks, V.5, n. 2 p. 1-10. 1998. Disponível em:





<https://web.archive.org/web/20190203143415/http://militaryrevolution.s3.amazonaws.com/Primary%20sources/Longbow.pdf>

